



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL**

NATHALIA SOUZA LICHT

**ANÁLISE DOS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA PRODUÇÃO E
COMERCIALIZAÇÃO DOS(AS) EXPOSITORES(AS) DA FEIRA QUINTAL SÓLIDÁRIO**

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2023

NATHALIA SOUZA LICHT

**ANÁLISE DOS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA PRODUÇÃO E
COMERCIALIZAÇÃO DOS(AS) EXPOSITORES(AS) DA FEIRA QUINTAL SOLIDÁRIO**

Artigo apresentado à disciplina ERU 489 - Trabalho de Conclusão de Curso II, com base nas normas da revista “Revista de Gestão e Organizações Cooperativas”, como requisito parcial de avaliação.

Orientadora: Prof.: Bianca Lima Costa

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2023



ISSN 2359-0432

Acesso aberto

RGC, Santa Maria, v. 9, n 17, exx, Jan./Jun., 2022 • <https://doi.org/10.5902/23590432xxxxx>

Submissão: xx/xx/xxxx • Aprovação: xx/xx/xxxx • Publicação: xx/xx/xxxx

Análise dos impactos da Pandemia da COVID-19 na produção e comercialização dos(as) expositores(as) da feira Quintal Solidário

Analysis of the impacts of the COVID-19 Pandemic on the production and marketing of exhibitors at the Quintal Solidário fair

Nathalia Souza Licht^I

^I Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Economia Rural, Viçosa, MG, Brasil

RESUMO

O presente artigo visa analisar os impactos da Pandemia da COVID-19 e o consequente isolamento social tiveram na comercialização, produção e na renda dos(as) expositores(as) da Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar - Quintal Solidário. Para tal, são analisadas e interpretadas as respostas dos(as) expositores(as) às entrevistas, chegando à conclusão de que os(as) maiores afetados(as) pela pandemia foram as artesãs que expõem na feira. Por outro lado, o setor menos afetado foi o de hortifruti, por ser um produto que continuou tendo procura.

Palavras-chave: Feira; Agricultura Familiar; Economia Solidária; Circuitos Curtos de Comercialização

ABSTRACT

This article aims to analyze the impacts of the COVID-19 Pandemic and the consequent social isolation had on the marketing, production and income of exhibitors at the Solidarity Economy and Family Farming Fair - Quintal Solidário. To this end, the responses of exhibitors are analyzed and interpreted through a questionnaire, reaching the conclusion that those most affected by the pandemic were the artisans who exhibit at the fair. On the other hand, the least affected sector was fruit and vegetables, as it was a product that continued to be in demand.

Keywords: Fair; Family farming; Solidarity economy; Short Marketing Circuits.

1 INTRODUÇÃO

A Pandemia da Covid-19 iniciada no final de 2019 provocou crises em todas as dimensões da vida humana. Vários setores foram afetados, alguns menos e outros mais, incluindo os sistemas de produção e as redes de comercialização. Dessa forma, quase todas as atividades com circulação de pessoas foram suspensas (Claudino, 2020).

As medidas de isolamento e distanciamento adotadas, segundo as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), afetaram a população, principalmente as pessoas e empreendimentos que ofertam alimentos frescos e minimamente processados, em especial os provenientes da agricultura familiar (Ribeiro-Silva et al., 2020).

Nesse cenário, segundo Fudemma (2020), a pandemia da COVID-19 impactou de forma negativa os(as) agricultores(as) familiares em sua produção, comercialização e renda, visto que para muitos(as) o principal ponto de escoamento dos produtos é a venda direta aos(as) consumidores(as) em feiras livres (Fudemma et al., 2020). Com as medidas adotadas para o combate à COVID-19, os(as) agricultores(as) familiares passaram por dificuldades para escoar a sua produção e enfrentaram prejuízos financeiros (Ribeiro-Silva et al., 2020).

A disseminação do coronavírus fez surgir uma crise em que a sociedade teve que mudar sua forma de organização e exigiu também adaptação em diversos setores. Para diminuir o avanço do vírus, foram adotadas diversas medidas, como por exemplo o distanciamento social, que exigia a suspensão de atividades comerciais, incluindo o funcionamento das feiras.

Durante a pandemia da Covid-19, o trabalho dos(as) agricultores(as) se tornou

desafiador, dessa forma, é importante realizar estudos para analisar como está a produção, comercialização, a renda e o que mudou para esses(as) agricultores(as) após a pandemia (Futemma et al., 2020).

Criado em 2016 por meio de uma parceria entre a Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Viçosa (ASPUV) e o programa de extensão Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV), a Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar - Quintal Solidário é apoiada por um projeto de extensão que tem como principal objetivo valorizar e promover a agroecologia, a integração entre produtores(as) e consumidores(as), o consumo consciente e a produção sustentável. Tal projeto é realizado semanalmente na sede da ASPUV, localizada no Campus da Universidade Federal de Viçosa (Costa, et al. 2019).

No dia 14 março de 2020, com o rápido aumento no número de infectados pelo coronavírus no Brasil, a administração da Universidade Federal de Viçosa suspendeu as atividades acadêmicas em seus três campi, com isso, a Feira Quintal Solidário também teve suas edições paralisadas por tempo indeterminado (DTI UFV, 2020).

Apenas no dia 4 de maio de 2022 a feira retornou às suas atividades presenciais, cumprindo com as exigências do governo e também com um número menor de expositores(as) comparado ao que havia antes do isolamento, sendo que um deles faleceu em decorrência do vírus da COVID-19.

O presente artigo tem como objetivo central analisar os impactos da Pandemia da COVID-19 sobre a produção e comercialização dos(as) feirantes do Quintal Solidário e como está sendo a retomada das atividades pós pandemia.¹

¹ Esse trabalho faz parte do projeto Agroecologia e sistemas alimentares localizados: inovações sociais na construção de circuitos curtos de comercialização, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). O questionário utilizado nas entrevistas foi apresentado como parte do trabalho e aprovado para a realização.

Para alcançar seu propósito, o artigo foi organizado em introdução, onde é contextualizada a situação da pandemia da COVID-19 frente aos(as) agricultores(as). O segundo tópico apresenta o referencial teórico que aprofunda temas como circuitos curtos de comercialização. No tópico seguinte é apresentada a metodologia utilizada, caracterizada como pesquisa exploratória e com abordagem metodológica qualitativa, onde os dados foram coletados por meio de entrevistas com feirantes do Quintal Solidário. Em seguida, são apresentados os resultados da pesquisa e por fim as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, serão apresentados aspectos das feiras de Economia Solidária e Agricultura Familiar e Circuitos Curtos de Comercialização, visando proporcionar uma compreensão mais aprofundada de tais conceitos.

2.1 Os circuitos curtos de comercialização

O modelo agrícola hegemônico busca o aumento da eficiência na produção, utilizando agrotóxicos e mecanização e, dessa forma, reduz o custo unitário do produto. Os movimentos agroecológicos surgem para contestar esse modelo, procurando diminuir os danos ambientais, valorizar a agrobiodiversidade e incentivar o agricultor (Viegas, 2016).

As cadeias longas de comercialização incluem especialização e escala, visto que precisam otimizar a logística para transportar grande volume de alimentos por grandes distâncias. Por outro lado, a abordagem agroecológica voltada para os circuitos curtos de comercialização visa a manutenção da agrobiodiversidade, reduzindo a vulnerabilidade dos agroecossistemas (Darolt e Rover, 2021).

Darolt e Rover (2021) trazem a etimologia das palavras “cadeias” e “circuitos”, associando o termo circuito com “trocas” e “interrelações”. Já o termo cadeia os autores associam a algo mais fechado e linear. Com esse apontamento, observa-se que os circuitos curtos estão relacionados a inovações sociais que se organizam com o propósito de resistir às práticas dominantes na gestão dos sistemas de alimentos, garantir o acesso à comida de forma segura e promover uma transição eficaz para práticas agroecológicas (Darolt e Rover, 2021).

Através dos circuitos curtos de comercialização (CCC) é possível realizar o abastecimento alimentar via redes alternativas ou cidadãs. Além disso, permite que os(as) consumidores(as) conheçam a origem do produto, quem o produziu e qual foi o método de produção. Esses circuitos reduzem a quantidade de intermediários entre a produção e o consumo e ainda destacam aspectos geográficos e socioculturais, como por exemplo a proximidade espacial entre produtores(as) e consumidores(as). Isso possibilita uma compreensão mais profunda do local, do método de produção, das tradições e da cultura alimentar associada aos alimentos (Darolt e Rover, 2021).

Os circuitos curtos de comercialização podem ocorrer de duas formas, sendo a primeira a venda direta, que ocorre quando o(a) produtor(a) entrega a sua mercadoria diretamente ao(a) consumidor(a) e a segunda é a venda via um único intermediário, podendo esse ser um outro(a) produtor(a), uma cooperativa, uma associação, uma loja especializada, um restaurante ou um supermercado local (Niederle, 2013).

De acordo com Darolt e Rover (2021), grande parte dos(as) produtores(as) da agricultura familiar agroecológica utiliza simultaneamente mais de um CCC para venda de seus produtos, como por exemplo mercados institucionais (Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE e Programa de Aquisição de Alimentos – PAA), as feiras do(a) produtor(a) e cestas entregues em domicílio ou em pontos coletivos de entrega, o que teve um notável crescimento durante o período de isolamento social. Além disso,

muitos(as) agricultores(as) também combinam circuitos curtos com circuitos que possuem mais de um intermediário, o que não necessariamente são vistos como circuitos longos, já que podem ser entre produtores(as) e consumidores(as) de uma cooperativa ou uma feira, por exemplo (Darolt e Rover, 2021).

A maioria dos(as) envolvidos(as) em circuitos curtos de comercialização (CCC) e agroecologia pertence à categoria da agricultura familiar, em transição agroecológica ou certificação orgânica. As propriedades familiares envolvidas são geralmente pequenas e diversificadas e a escolha do CCC afeta a complexidade do sistema de produção. Aqueles(as) que vendem em feiras orgânicas/agroecológicas tendem a cultivar uma ampla variedade de espécies, enquanto os(as) produtores(as) integrados(as) a empresas são mais especializados, cultivando apenas algumas espécies (Darolt e Rover, 2021).

Os circuitos curtos e venda direta de alimentos são formas de comercialização que existem desde os tempos em que passaram a existir processos de troca, mas nos dias de hoje vem ganhando cada vez mais notoriedade, visto a busca dos(as) consumidores(as) pela qualidade nos alimentos, além da falta de confiança na comercialização convencional de alimentos (Darolt e Rover, 2021).

Na visão de Darolt e Rover (2021), os circuitos curtos de comercialização podem ser interligados e complementares, tais como feiras de produtores(as), grupos de consumo responsável, mercados institucionais, lojas de cooperativas, redes de comercialização, e-commerce, entre outros. Eles têm o potencial de aumentar a presença de produtos da agricultura orgânica/agroecológica no mercado de alimentos, promovendo o desenvolvimento de mercados locais. Além disso, esta abordagem pode dinamizar a agricultura local, garantindo uma remuneração mais justa aos(as) produtores(as), melhorando a qualidade e frescor dos produtos e incentivando a participação ativa dos atores do sistema agroalimentar local, especialmente os

consumidores (Darolt e Rover, 2021).

Uma característica importante dos circuitos curtos é que o(a) agricultor(a) tem uma maior autonomia em relação aos circuitos longos, isso porque o(a) produtor(a) que vende nesse tipo de circuito geralmente está ligado a empresas que controlam o que deve produzir, a quantidade e a forma. Observa-se assim que a compra em circuitos curtos é uma alternativa para fugir da padronização imposta pelo sistema agroalimentar industrial (Niederle, 2013).

Do ponto de vista do consumo, os circuitos curtos oferecem oportunidades para promover mudanças nos hábitos alimentares, educar o paladar, mobilizar consumidores(as) em apoio aos(as) agricultores(as) e promover campanhas para uma alimentação saudável. Isso também pode estimular o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para padrões mais sustentáveis de consumo, o que é um processo de longo prazo que requer o empoderamento e conscientização dos(as) consumidores(as) sobre questões como a sazonalidade na produção orgânica, os benefícios da agroecologia e o entendimento das dificuldades enfrentadas pelos(as) produtores(as). Isso envolve uma mudança de valores em relação à regularidade, quantidade e diversidade, visto que é algo que a agricultura industrial consegue atender facilmente em comparação com a produção agroecológica (Darolt e Rover, 2021).

Os CCCs demandam mais esforço e habilidades por parte dos(as) produtores(as) e suas organizações, não apenas na produção, mas na transformação, comercialização e marketing e, além disso, a logística de entrega de pequenos volumes pode ser mais complexa e dispendiosa, o que requer estudos e a identificação de melhores práticas para ser otimizada (Darolt e Rover, 2021).

De acordo com Rambo, Pozzebom e Von Denz (2019), os circuitos curtos de

comercialização contribuem para o desenvolvimento rural em diferentes dimensões. Economicamente por se tratar de uma alternativa de renda para os(as) agricultores(as) familiares, com melhor remuneração pois não possui atravessador. Socialmente, pois busca valorizar a cultura alimentar local por serem produzidos para esse mercado. Ambientalmente por contribuírem com a manutenção da biodiversidade (Rambo, Pozzebom e Von Denz, 2019)

Conforme o exposto, os CCCs são de extrema importância, permitindo que o(a) consumidor(a) conheça a procedência do produto que está consumindo e as feiras são uma das formas mais conhecidas de circuito curto de comercialização, onde o próprio(a) produtor(a) realiza a venda na maioria das vezes, podendo mostrar ao(a) consumidor(a) como o alimento foi produzido, entre outros aspectos. Segundo Angulo (2003), uma feira se trata de uma iniciativa local com objetivo de valorizar os vínculos do abastecimento com a produção agroalimentar. Dessa forma, as feiras buscam uma melhoria de vida, tanto para o aumento da renda, quanto sendo um espaço de socialização (Angulo, 2003).

2.2 As feiras de Economia Solidária

Até os dias de hoje as feiras têm uma grande importância nos centros urbanos, principalmente pensando na venda de produtos hortícolas, como frutas, legumes e verduras. Majoritariamente, são iniciativas em âmbito local, que tendem a valorizar os vínculos do abastecimento com a produção agroalimentar, especialmente em se tratando de municípios de pequeno e médio portes (Angulo, 2003).

As feiras são espaços que ocorrem em locais públicos com periodicidade onde ocorrem trocas de mercadorias (Silva, 2017) e têm como objetivo uma maior conexão de produtores(as) e consumidores(as), principalmente em âmbito local, o que promove os circuitos curtos de comercialização (COSTA, et al. 2019).

As feiras de Economia Solidária, que podem ser caracterizadas como circuitos curtos, não são apenas espaços de comercialização, mas também locais de trocas solidárias, de apresentações culturais, de informação e formação política, além de divulgação e estímulo ao consumo ético, justo e solidário. Dessa forma, é de grande importância ter uma equipe para construir o evento de forma coletiva, realizando um planejamento ideal do espaço (AMORIM, 2011 apud SILVA, 2019).

Dessa forma, ressalta-se a importância da economia solidária, que ganhou visibilidade no Brasil a partir da década de 1980, com base em diversas experiências associativas, que se organizam tanto em ambientes urbanos quanto rurais. O termo "economia solidária" começou a ser usado de forma mais ampla na década de 1990, estabelecendo um campo de articulação que reúne pessoas, experiências e organizações comprometidas em construir uma "nova economia", com princípios de valorização do trabalho, do saber e da criatividade, reconhecimento do trabalho associado, autogestão e construção de redes de colaboração solidária. A economia solidária está em expansão, existente tanto em cidades quanto em áreas rurais, onde as atividades relacionadas à agricultura têm um papel importante (Schmitt, 2010).

Conforme o exposto, observa-se a importância da análise de tais termos, visto que o objeto de estudo visa promover circuitos curtos de comercialização, sistemas agroalimentares locais de base agroecológica e o desenvolvimento local sustentável através da Economia Solidária.

2.3 Quintal Solidário e a Pandemia

Realizado em Viçosa, cidade do estado de Minas Gerais, o Quintal Solidário busca a promoção da Agricultura Familiar e da Economia Solidária, visando o aumento da qualidade de vida e da renda dos empreendimentos participantes, além de integrar o

público, permitindo que esse conheça Economia Solidária, Agricultura Familiar e Agroecologia (Silva, 2019).

A iniciativa nasceu com o objetivo de ser um espaço não apenas de comercialização, mas de fortalecimento de relações solidárias, o consumo consciente e a produção sustentável, além de promover a agroecologia por meio da Economia Solidária e Agricultura Familiar (Costa, et al. 2019).

O Quintal Solidário possui um regimento interno construído em conjunto com os(as) feirantes e a equipe do projeto de extensão que apoia a feira que orienta a sua organização e funcionamento. Nele é estabelecida uma comissão coordenadora, que é uma instância de gestão, encarregada de planejar, organizar, promover, encaminhar e acompanhar as ações para o funcionamento da feira. Além disso, o Quintal Solidário possui uma equipe que é responsável por dar auxílio no bom funcionamento da feira, bem como ajudar na sua realização todas as semanas. Essa equipe compreende estagiários(as) e voluntários(as), além de professores(as) e técnicos(as) da Universidade Federal de Viçosa.

A feira, que acontecia em edições quinzenais no ano de 2016, quando iniciou suas atividades, passou a ocorrer de forma semanal a partir do ano de 2017, como funciona até os dias de hoje (Costa, et al. 2019).

Semanalmente o Quintal Solidário recebe atrações culturais, visando valorizar e incentivar artistas locais, ocorrendo, por exemplo, apresentações musicais, coral, capoeira, entre outras. Já no espaço das crianças são oferecidas atividades voltadas para o público infantil por meio de projetos do curso de educação infantil da UFV, como o projeto Contação de Histórias e Ludcart. Também são oferecidas durante a feira, de forma gratuita, diversas oficinas ministradas pelos(as) próprios(as) expositores(as) da feira, professores(as), alunos(as) ou parceiros(as), como por exemplo oficinas de compostagem, preparação de sucos, entre outras (Costa, et al. 2019).

De acordo com o seu regimento interno (p.7), o Quintal conta com diversas organizações parceiras, como os Departamento da Universidade Federal de Viçosa, incluindo os de Nutrição, Cooperativismo e Economia Doméstica; a Feira Agroecológica e Cultural da Violeira; a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de y Sanitária municipal; o Centro de Tecnologias Alternativas - CTA/ZM; a Rede Agroecológica de Prosumidores Raízes da Mata e Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia - ECOA.

A pandemia da COVID-19 impactou negativamente a renda e a organização do trabalho das famílias agricultoras (SANTOS, et al. 2021) e conseqüentemente os empreendimentos solidários do Quintal Solidário, devido à paralisação das feiras e conseqüente redução do escoamento dos produtos. A venda em feiras livres é considerada a principal atividade econômica desenvolvida por famílias agricultoras e empreendimentos solidários e ela foi impedida de ser realizada em função do isolamento. Antes da pandemia, por exemplo, circulavam no Quintal em média 500 consumidores(as) em cada edição (Rodrigues, Costa e Priore, 2021).

Para entrar na feira, o Regimento Interno do Quintal Solidário prevê a participação de empreendimentos econômicos solidários (grupos, associações ou cooperativas) e/ou agricultores(as) familiares que promovam a economia solidária ou a agroecologia, respectivamente. Outros critérios envolvem é que os itens comercializados devem ser de produção própria, deve haver a participação nos espaços de formação propostos e, no caso de produtos hortifrutigranjeiros, ter produção sem veneno – SAT ou em transição agroecológica.

Foram realizadas diversas atividades remotas pelo Quintal Solidário durante o período de isolamento social, como feiras virtuais, lives pelas redes sociais, oficinas, grupos de vendas pelo aplicativo *Whatsapp*, além de constantes divulgações dos produtos que os feirantes ofereciam. Apesar dos esforços da equipe, nenhuma das

atividades remotas pode substituir as edições presenciais da feira, visto a importância desse espaço para o escoamento da produção dos(as) feirantes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Quintal Solidário

A Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar - Quintal Solidário é realizada na cidade de Viçosa, localizada na Zona da Mata Mineira que de acordo com o último censo do IBGE realizado no ano de 2022, possuía 76.430 habitantes (IBGE, 2022).

Além da feira ter seu objetivo de comercialização de produtos dos empreendimentos, ela também visa ser um local de convivência e integração social, sendo um espaço de lazer, de formação e também cultural, onde semanalmente são oferecidas atrações culturais, espaço para crianças e em algumas semanas também são oferecidas diferentes oficinas (Costa, et al. 2019).

O Quintal Solidário possui atualmente 21 empreendimentos, divididos em 3 setores: hortifrutis (5), alimentos processados (6) e artesanato (10). Dentro desses setores, são ofertados diversos produtos, como frutas, legumes, folhagens, salgados, pães, biscoitos, bolos, sucos, queijos, mel e derivados, tapetes, bonecas, bolsas, bordados, vasos, entre outros.

3.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa exploratória é entendida como o estudo preliminar que é executado para aprimorar o dispositivo de medição de acordo com a realidade que se deseja compreender. Em outros termos, essa forma de pesquisa tem como objetivo entender uma variável de estudo da maneira como ela é na realidade, o que ela significa e onde

acontece. A ideia é que entender o comportamento humano é mais fácil quando consideramos o contexto social em que ocorre. Dessa forma, segundo os objetivos de pesquisa, o trabalho se caracteriza como pesquisa exploratória e tem abordagem metodológica qualitativa (Piovesan e Temporini, 1995).

A coleta de dados por meio de entrevista é uma das técnicas mais utilizada em trabalhos de campo, pois permite que pesquisadores colem dados objetivos e subjetivos (Batista, Matos e Nascimento, 2017). Para permitir uma flexibilidade nas respostas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, onde segundo Gerhardt e Silveira, são organizadas um conjunto de questões sobre o tema, permitindo que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos (Gerhardt e Silveira, 2009).

Foram utilizadas 15 questões abertas que, segundo Chagas (2000), permitem que os respondentes fiquem livres para responderem com suas próprias palavras, não se limitando a alternativas (CHAGAS, 2000). Além disso, foram realizadas 9 perguntas para identificar o perfil de cada feirante.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 6 de setembro de 2023 e 03 de outubro de 2023. A partir dele foram coletadas 19 respostas, pois uma das expositoras estava em viagem e outra está afastada da feira.

Das 19 respostas colhidas, 6 delas foram de pessoas que não eram expositores(as) da feira antes da pandemia, e uma delas se tornou expositora antes, mas não conseguiu expor, pois logo em seguida teve início o isolamento social. Uma das entrevistas foi realizada com um grupo.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente foi utilizado o *software* Excel para a tabulação dos dados, visando a melhor organização das informações que foram colhidas, para que posteriormente fossem apresentadas

neste artigo.

Além disso, foi realizada a observação participante, visto que a primeira autora do artigo foi estagiária da feira do período compreendido entre março de 2022 à dezembro de 2023, participando ativamente de todo esse período de volta às atividades presenciais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Perfil dos(as) feirantes entrevistados(as)

A partir das respostas dos questionários, que como abordado anteriormente, compreende um total de 19 entrevistados(as), foi traçado o perfil dos(as) feirantes, como pode ser visualizado no quadro 1. É importante ressaltar que o entrevistado número 19 se trata de um grupo que respondeu algumas perguntas de forma coletiva.

Quadro 1 - Perfil dos feirantes do Quintal Solidário

En tre vis ta do (a)	Ida de	Raça	Sexo	Escolaridad e	Cidad e	Quando entrou no Quintal Solidári o	Quantas pessoas trabalha m no empreen dimento	Setor
1	39	Parda	Feminin o	Fundamenta l completo	Viçosa	2016	3	Alimentos processados
2	61	Negra	Feminin o	Médio completo	Viçosa	2022 (pós- pandemi a)	3	Alimentos processados
3	56	Branc a	Feminin o	Fundamenta l incompleto	Viçosa	2016	3	Alimentos processados
4	51	Negra	Feminin o	superior completo	Viçosa	2016	3	Alimentos processados

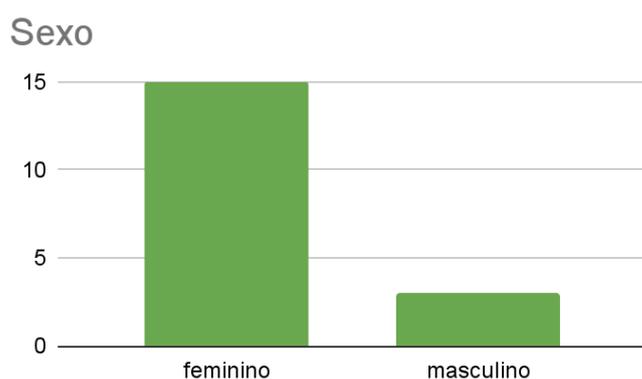
5	46	Negra	Feminino	Médio incompleto	Viçosa	2016	3	Alimentos processados
6	39	Branca	Feminino	Fundamental completo	Viçosa	2016	4	Hortifruti
7	55	Branca	Masculino	Médio completo	Coimbrã	2017	2	Hortifruti
8	30	Parda	Masculino	Superior completo	Viçosa	2017	4	Hortifruti
9	74	Branca	Masculino	Fundamental incompleto	Viçosa	2016	2	Hortifruti
10	58	Branca	Feminino	Médio completo	Viçosa	junho de 2022 (pós-pandemia)	1	Artesanato
11	47	Parda	Feminino	Superior incompleto	Viçosa	abril de 2022 (pós-pandemia)	1	Artesanato
12	64	Negra	Feminino	Superior completo	Viçosa	2022 (pós-pandemia)	22	Artesanato
13	74	Parda	Feminino	Médio completo	Viçosa	2017	10	Artesanato
14	52	Negra	Feminino	Médio completo	Cajuri	2020 (pós-pandemia)	30	Artesanato
15	67	Branca	Feminino	Médio completo	Viçosa	em maio de 2021 (pós-pandemia)	1	Artesanato

16	28	Negra	Feminino	Superior completo	Viçosa	dezembro de 2022 (pós-pandemia)	2	Hortifruti
17	31	Negra	Feminino	Superior completo	Viçosa	2017	1	Artesanato
18	51	Branca	Feminino	Médio completo	Viçosa	2016	1	Artesanato
19	-	-	-	-	-	2017	10	Artesanato

Fonte: Organização da autora.

Fazendo uma análise das respostas em relação ao sexo dos(as) feirantes entrevistados(as) observa-se uma predominância do sexo feminino, sendo 83,33% mulheres e apenas 16,66% do sexo masculino, como observado no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 - Sexo dos(as) feirantes

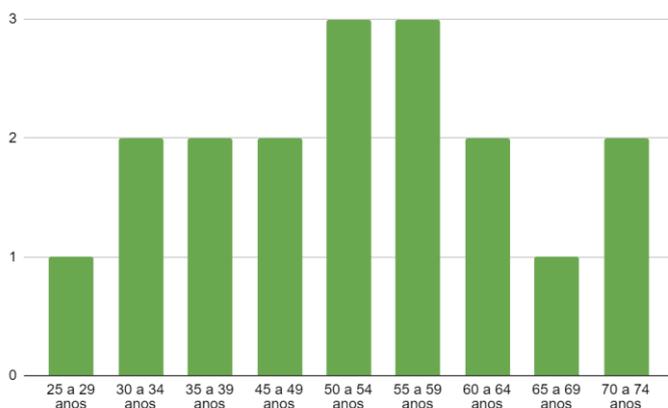


Fonte: Organização da autora.

Em relação à idade dos(as) feirantes, foi utilizada a pirâmide etária para identificar as faixas de idade. Dessa forma, de acordo com as respostas, é possível observar que a maioria dos(as) feirantes se encaixam na faixa etária entre 50 e 54 anos

e entre 55 a 59 anos (IBGE, 2022).

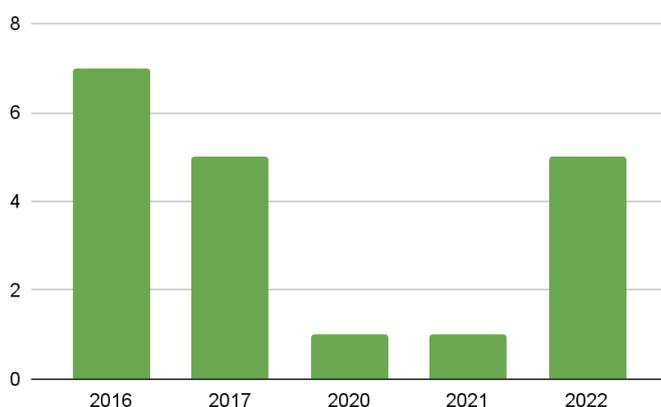
Gráfico 2 - Faixa etária dos(as) feirantes



Fonte: Organização da autora.

Dos(as) feirantes entrevistados(as), 38,88% estão desde o início do Quintal Solidário, no ano de 2016, como apresentado no gráfico 3. Enquanto isso, outros(as) sete feirantes entraram após o retorno da pandemia, sendo que alguns deles também não frequentavam a feira antes do isolamento social e, por esse motivo, não conseguiram responder algumas questões.

Gráfico 3 - Entrada dos(as) feirantes no Quintal Solidário



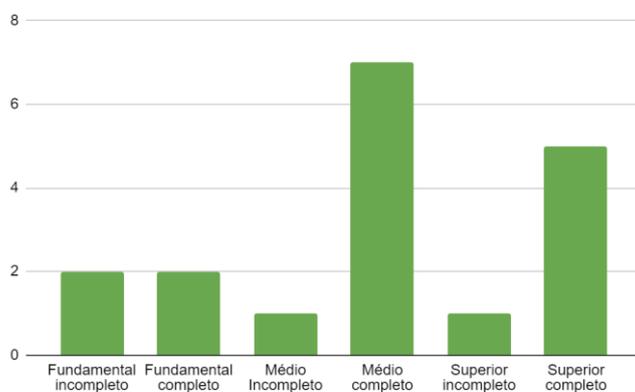
Fonte: Organização da autora.

Os dados mostram que a pandemia impactou a feira com a saída de alguns(as) feirantes, havendo uma renovação de cerca de $\frac{1}{3}$ dos(as) expositores(as). Isso ocorreu por três motivos principais, sendo eles o falecimento devido ao vírus da COVID-19, a mudança de atividade produtiva pela impossibilidade de se manter durante o isolamento social, pela dificuldade no escoamento de seus produtos e a falta de insumos para a produção.

É importante ressaltar que antes da pandemia havia 10 expositores(as) do setor de hortifruti e, atualmente, a feira possui 5. Como abordado anteriormente houveram alguns motivos para a saída desses(as), porém, não estão sendo mais aceitos novos(as) feirantes desse setor, por se tratar de uma decisão coletiva dos(as) expositores(as), já que o público consumidor também está menor.

Em relação à escolaridade, observa-se que a maioria dos(as) feirantes pararam seus estudos no ensino médio, sendo 38,88%. Do total, 27,77% têm ensino superior completo. Quatro feirantes pararam seus estudos no ensino fundamental. Pode-se visualizar a escolaridade dos(as) feirantes com maiores detalhes no gráfico 4.

Gráfico 4 - Escolaridade dos(as) feirantes



Fonte: Organização da autora.

Em relação à cidade de moradia, observa-se que 89,47% residem na cidade de Viçosa. Isso não apenas contribui para o fortalecimento local, mas também reforça a conexão com a comunidade que o Quintal Solidário está inserido. Além disso, é importante ressaltar que um dos pré-requisitos para entrada de novos expositores é residir na cidade de Viçosa.

Como abordado anteriormente, os feirantes são divididos em 3 setores. O setor de artesanato compreende 47,36% dos expositores(as), sendo oferecidos produtos como vasos, quadros em bastidor, colares, panos de prato, ecobags, tapetes, artesanato em madeira, necessaire, bolsas, roupas de bebê, tiaras, roupas de bonecas, mandalas, filtros dos sonhos, macramê, cadernos, caixas de cartonagem, bijuterias em frivolite, entre outros. Nesse setor, participam associações como a Associação de Artesãos de Viçosa (ADAV) e também a Associação de proteção e assistência aos condenados de Viçosa/MG (APAC). Além disso, participa também o grupo Semeart, que é um grupo de produção solidária formado por pacientes do Serviço de Atenção à Saúde Mental (Semente) instituído pelo Agros (Instituto UFV de Seguridade Social).

Imagem 1 - Vasos



Fonte: Acervo particular da autora (2022)

Imagem 2 - Ecobag



Fonte: Acervo particular da autora (2022)

Já no setor de alimentos processados, tem-se 26,31% dos feirantes, são oferecidos biscoitos, queijos, rosquinhas, ovos, mel e derivados, pão de queijo, bolos, doces, salgados veganos, focaccia, pães, caldos, suco e tropeiro. Nesse setor, a maioria é de mulheres que trabalham em pequenas cozinhas ou agroindústrias.

Imagem 3 - Mel e derivados



Fonte: Acervo particular da autora (2022)

Imagem 4 - Pães



Fonte: Acervo particular da autora (2022)

No setor de hortifruti, onde são compreendidos 26,31% dos(as) feirantes, são oferecidos produtos como morango, tomate, amora, mandioca, inhame, moranga, cenoura, beterraba, couve-flor, brócolis, repolho, banana, salsinha, cebolinha, limão, cana, açafreão e diversas folhagens. Nesse setor, há feirantes que participam do Sistema Participativo de Garantia SPG Floriô e 2 feirantes que já participaram da Organização de Controle Social OCS Raízes da Mata, que segundo o site da organização é a primeira OCS da região, onde cada produtor(a) possui uma declaração de Cadastro de Produtor vinculado a OCS, mas não pode utilizar o selo nacional de SisOrg, como no caso do SPG.

Imagem 5 - Mandioca



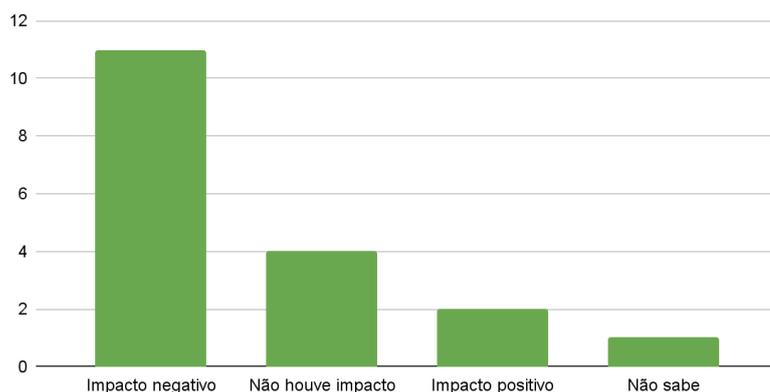
Fonte: Acervo particular da autora (2022)

Com esse perfil de entrevistados(as), conclui-se que na feira há uma diversidade de pessoas, em que a maioria são mulheres, com escolaridade até o ensino médio. Conclui-se ainda que a maioria dos(as) feirantes fazem parte do setor de artesanato, compreendendo um total de 9 entrevistados(as) (47,36%).

4.2 Impactos da Pandemia

Inicialmente, os(as) feirantes foram perguntados(as) sobre qual foi o impacto da pandemia na sua produção, 61,12% deles(as) responderam que o impacto foi negativo, em que, por exemplo, a entrevistada número 3, do setor de alimentos processados, aborda que “Teve um impacto negativo, tive que correr muito atrás para conseguir me manter”. Para 22,23% dos(as) feirantes não houve impacto, sendo a maioria do setor de hortifruti. Para 11,12% deles o impacto foi positivo, sendo 1 de hortifruti e 1 de artesanato. Podemos observar o impacto na produção no gráfico 5, a seguir. Os(as) entrevistados(as) que disseram ter tido um impacto positivo não estavam na feira antes do isolamento social.

Gráfico 5 - Impacto na produção

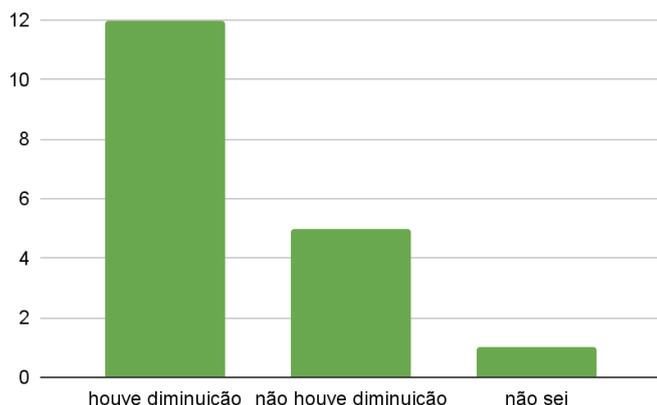


Fonte: Organização da autora.

Em relação à perda de produção, 77,8% responderam que não houve. Dois entrevistados(as) disseram que têm ainda produtos que não conseguem vender, sendo estes(as) do setor de artesanato, uma das expositoras aponta que o motivo foi não ter conseguido material para deixar as peças mais bonitas. O entrevistado número 6, do setor de hortifruti, aponta que “Sim, a gente tinha que procurar o cliente para vender, e assim, pela quantidade de coisa que tinha na horta não conseguimos vender tudo”. Já a expositora de número 12 diz que “Ficou muita coisa parada e teve que ser refeito depois”.

Sobre haver diminuição na produção durante o isolamento social, 12 feirantes (66,7%) responderam que sim, sendo que 7 deles(as) tiveram que parar sua produção totalmente durante a pandemia e desses(as) feirantes, todos(as) eram do setor de artesanato. A expositora número 4, do setor de alimentos processados, aponta que houve diferença na sua produção ao longo da pandemia: “inicialmente, aumentou a produção e depois foi baixando. Mais no final da pandemia, do meio para o final, a produção estava muito baixa”. Dos(as) expositores(as) apenas 5 (27,8%) não tiveram diminuição na produção, sendo destes(as), 4 do setor de hortifruti e 1 do artesanato.

Gráfico 6 - Diminuição na produção



Fonte: Organização da autora.

De acordo com as respostas, é possível observar que os(as) artesãos(as) da Feira Quintal Solidário foram os(as) mais afetados(as) pela Pandemia da COVID-19, isso porque, como alguns(as) mesmos(as) observaram, artesanatos não eram produtos de primeira necessidade, e as pessoas gastavam grande parte ou toda a sua renda com alimentação.

Pode-se observar essa afirmação também analisando as respostas dos(as) expositores(as) em relação a diminuição da produção, visto que das 7 pessoas que tiveram que parar totalmente sua produção, todas elas eram do setor de artesanato do Quintal Solidário. Além disso, como será visto mais para frente, em relação à renda, a maioria dos(as) que foram mais afetados(as) foram do artesanato também.

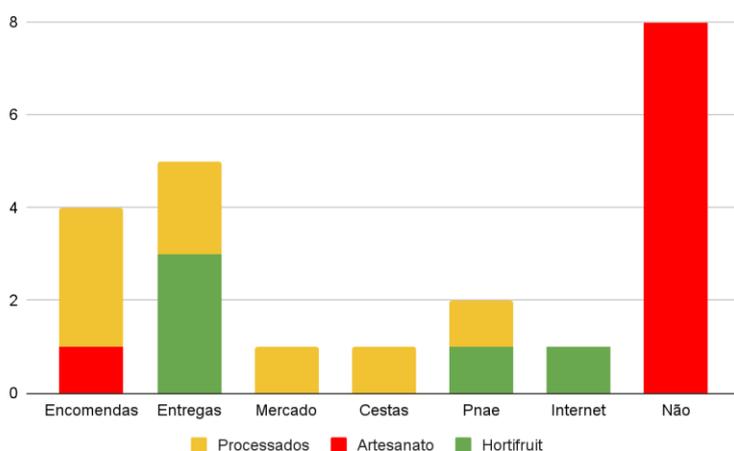
Todos(as) os(as) expositores do setor de hortifruti conseguiram manter suas vendas, ainda que alguns(as) com certa dificuldade e tendo que realizar outras atividades para complementar o financeiro. Com as respostas desses(as) expositores, pode-se observar que foram os(as) menos afetados(as) com o isolamento social, visto que eles(as) comercializam produtos de primeira necessidade.

Em relação ao setor de processados, a maioria foi afetada pela pandemia, mas também conseguiram continuar comercializando seu produto de algumas formas, mas

ainda assim grande parte precisou realizar outras atividades, como a venda de marmitas, para complementar suas rendas

Das formas que os(as) expositores(as) continuaram comercializando seus produtos tem-se que foram realizadas, entregas de porta em porta, encomendas de acordo com a necessidade do(a) consumidor(a), vendas em mercado, cestas com produtos, comercialização com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e vendas pela internet por meio do aplicativo *Instagram*, como pode ser observado no gráfico 7. Observa-se também que todos(as) os(as) feirantes que não continuaram comercializando seus produtos são do setor de artesanato.

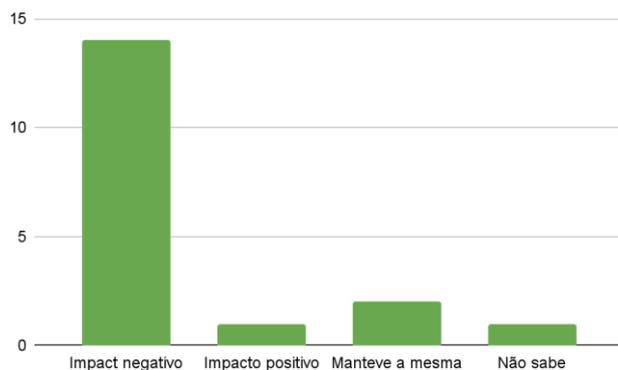
Gráfico 7 - Outras formas de comercialização



Fonte: Organização da autora.

Quanto ao impacto da Pandemia na renda dos(as) feirantes, 77,8% responderam que durante a pandemia o impacto sobre a renda foi negativo, para 11,1% deles(as) manteve o mesmo, sendo esses(as) feirantes do setor de hortifruiti. Para 1 das expositoras (5,5%), o impacto foi positivo, pois essa feirante produz cosméticos naturais, o que durante a pandemia teve um grande aumento na demanda e ela conseguiu fazer suas vendas de forma online.

Gráfico 8 - Impacto na renda



Fonte: Organização da autora.

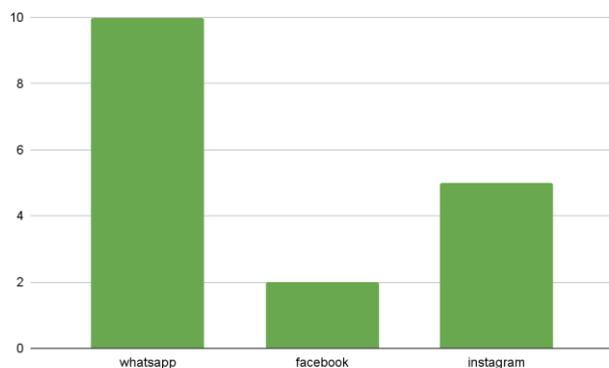
Em relação a possuir outras fontes de renda, 83,3% responderam que sim, sendo que desses(as), 5 receberam auxílio emergencial (1 do setor de processados, 2 do artesanato e 2 do hortifruti), 2 comercializam por meio do Pnae e 2 são aposentados(as). Apenas 16,6% não tinham uma outra fonte, sendo destes, 2 do setor de alimentos processados e 1 do hortifruti.

Além dessas fontes de renda abordadas acima, alguns(as) feirantes tiveram que realizar bicos, precisaram de auxílio de amigos para conseguir se alimentar, outra passou a produzir e vender máscaras em sua cidade natal, entre outras formas. A entrevistada número 18 disse que “Consegui o auxílio emergencial e o auxílio dos amigos. Sobrevivi disso, de ganhar cesta básica, um quilo de arroz de um amigo”. Já o feirante número 6 respondeu “Eu consegui receber 3 meses de auxílio e eu fazia outros bicos por fora, ajudando meu irmão que trabalha com jardins e essas coisas para complementar a renda.”

Sobre a utilização das redes sociais para comercialização e contato com clientes durante a pandemia, 61,1% responderam que utilizaram pelo menos uma mídia social e 38,9% responderam que não utilizaram nenhuma. Das mídias sociais utilizadas tem-se *Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook*, onde no gráfico 14 observa-se que o mais utilizado

foi o *Whatsapp*.

Gráfico 9 - Mídias sociais utilizadas



Fonte: Organização da autora.

Sobre a necessidade de se reinventar de alguma forma durante a pandemia, 38,9% responderam que precisaram e 61,1% responderam que não. Entre as respostas, um expositor disse que teve que realizar bicos, outra passou a vender marmitex, as entregas à domicílio também foram apontadas como uma forma de reinvenção, outra precisou ser babá, passou a trabalhar também como costureira e até o próprio uso de mídias sociais foi uma reinvenção para outro expositor.

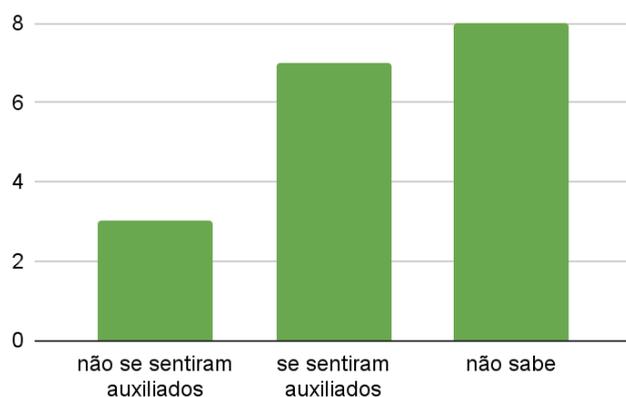
4.3 Retorno da pandemia

Muitos(as) expositores(as) tiveram a percepção de que após o retorno às atividades presenciais da feira pós pandemia, o público diminuiu e, além disso, tornou-se um público mais jovem, fazendo uma comparação com a feira pré-pandemia que era frequentada por diversos(as) professores(as) da Universidade Federal de Viçosa. Apenas 1 expositor(a) não viu diferença. Embora o público esteja menor, diversos(as) consumidores(as) estão presentes todas as semanas para fazerem suas compras e aproveitar o espaço, ou seja, são fidelizados.

Sobre sentirem alguma mudança no Quintal Solidário após o retorno da feira, foram apontadas a diminuição do público, como já dito anteriormente, afastamento e desunião entre os(as) expositores(as), diminuição das variedades e um dos expositores apontou que melhorou a divulgação. Pela observação participante foi possível notar também a diminuição de variedade de produtos, além disso, por algumas edições serem bem menores que outras em relação a público, alguns(as) expositores(as) se sentem desmotivados(as).

Em relação à equipe do Quintal Solidário, 16,7% dos expositores não se sentiram auxiliados(as) durante a pandemia, 38,9% se sentiram ajudados(as) de alguma forma, seja com divulgação, ligações para ter notícias do grupo, um grupo de vendas no whatsapp ou auxílio na produção de cestas para venda em parceria com a Rede Raízes da Mata. Parte dos(as) feirantes (44,4%) não soube responder, sendo que desses(as), a maioria não estava durante a pandemia.

Gráfico 10 - Auxílio na pandemia



Fonte: Organização da autora.

Por outro lado, a maioria dos(as) expositores(as) acredita que a equipe atual do Quintal Solidário vem auxiliando de forma efetiva para a melhora da feira. Ao menos, 55,5% dos(as) feirantes mencionaram a melhora da divulgação da feira como algo que é feito pela equipe que está auxiliando a volta dos(as) consumidores(as). Além disso,

foi apontada a comunicação e interação com os(as) feirantes como algo bom, dando sempre suporte para os(as) mesmos(as). Por meio da observação participante pode-se apontar que com o passar dos meses pós pandemia a equipe vem ficando cada vez maior e mais engajada com as atividades da feira. Na volta às atividades presenciais, havia apenas uma bolsista e, nos dias atuais, além de 1 estagiária e 1 bolsista, a feira conta com 4 voluntárias. Isso permite que a equipe possa dar atenção a diversas frentes necessárias, sem que apenas um estagiário fique sobrecarregado.

Por fim, ao serem perguntados(as) sobre sugestões para a melhora da feira pós pandemia, surgiram algumas ideias, mas a maioria das respostas envolvia o aumento e novas formas de divulgação. O entrevistado número 8 diz “Eu acho que a sugestão que eu tenho já existe. A tentativa de se aplicar isso que é a divulgação em rádio, a divulgação em redes sociais mesmo, tentar fortalecer isso, tentar fazer com que o povo da cidade entenda que é um espaço para todo mundo, por mais que essa feira traga um público mais selecionado que é pra todo mundo ter acesso, pra todo mundo vir, pra todo mundo aproveitar, pra todo mundo comprar também os nossos produtos.”

Além disso, outras respostas envolviam trazer mais oficinas, expandir a feira em outro local e principalmente aumentar a variedade de produtos oferecidos, como por exemplo novas frutas, como diz o entrevistado 10: “tentar no caso do hortifruti trazer mais fruta, coisas que não tem aqui, as pessoas vem, quer comprar tudo em um lugar só. As pessoas podiam vir aqui fazer a feira dela, mas não tem todos os produtos.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos resultados obtidos, é possível concluir que a Pandemia da COVID-19 afetou a maioria dos(as) feirantes do Quintal Solidário, principalmente considerando a comercialização, visto que a feira é uma grande fonte de escoamento de seus produtos, sendo para muitos(as) a principal.

Conclui-se ainda que, apesar da divulgação estar melhorando cada vez mais, ainda é uma grande demanda da feira. Dessa forma, faz-se necessário aplicar novas formas de divulgação para atrair ainda mais pessoas para o Quintal Solidário e dessa forma caminhar para que a feira possa se recuperar cada vez mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fapemig e ao projeto Agroecologia e sistemas alimentares localizados: inovações sociais na construção de circuitos curtos de comercialização APQ-00318-22.

REFERÊNCIAS

ANGULO, José Luis Gutiérrez. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 5, n. 2, 2003.

BARBOSA, Paulo de Figueiredo. ESTUDO DE CASO DA FEIRA QUINTAL SOLIDÁRIO: ANÁLISE DA SATISFAÇÃO DOS CONSUMIDORES. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Cooperativismo) - Universidade Federal de Viçosa, [S. l.], 2022.

BATISTA, E. C; MATOS, L. A. L; NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768/0> . Acesso em: 08 nov. 2023.

CLAUDINO, Livio Sergio Dias. Impactos dos primeiros meses de pandemia de covid-19 para a agricultura familiar paraense e como a agroecologia pode apoiar a superação. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, p. 40-54, 2020.

COSTA, B. A. L. Economia solidária e o papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil: a experiência de extensão universitária da ITCP-UFV. Revista ELO- Diálogos em Extensão, v. 2, n. 2, 2013.

COSTA, Bianca. Aproximando produção e consumo: a experiência do Projeto de extensão "Quintal Solidário", Revista ELO - Diálogos em Extensão, Viçosa-MG, volume 08, número 01, pag. 9-14, junho de 2019

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. **Administração on line**, v. 1, n. 1, p. 25, 2000.

Darolt, M. R., Rover, O. J. (2021). Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social [Livro eletrônico]. Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo.

DOS SANTOS, Alexa Fagundes; DE JESUS, Gabrieli Guterres; BATTISTI, Isabel Koltermann. Entrevista semi-estruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa. **Salão do Conhecimento**, v. 7, n. 7, 2021.

FUTEMMA, Celia et al. A pandemia da Covid-19 e os pequenos produtores rurais: superar ou sucumbir?. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 16, 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

Gil, Antonio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUENTHER, Mariana. Como será o amanhã? O mundo pós-pandemia. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 31-44, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Viçosa. IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>. Acesso em: 07 nov. 2023.

IBGE Educa. Pirâmide etária. IBGE, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 14 nov. 2023.

IBGE Educa. Educação. IBGE, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 28 nov. 2023.

NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado. Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. **Curitiba: Kairós**, v. 393, p. 393, 2013.

OCS - Organização de Controle Social. Raízes da Mata. 14 mar. 2020. Disponível em: <https://raizesdamata.com.br/ocs/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de saúde pública**, v. 29, p. 318-325, 1995.

RAMBO, Anelise Graciele; POZZEBOM, Luciana; VON DENZ, Eduardo. Circuitos curtos de comercialização fomentando novos usos do território: considerações sobre o PNAE e as feiras livres. **Revista Grifos. Chapecó: Unochapecó**, 2019. **Vol. 28, n. 46 (2019), p. 9-26.**, 2019.

RÉVILLION, Anya Sartori Piatnicki. A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, v. 2, n. 2, p. 21-37, 2003.

RIBEIRO-SILVA, Rita de Cássia et al. Implicações da pandemia COVID-19 para a segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3421-3430, 2020.

SANTOS, Janaira Almeida et al. Pandemia Covid-19: um estudo de caso da Feira Agroecológica do PDS Porto Seguro, Marabá (PA). **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v. 15, n. 4, p. 1-15, 2022.

SCHMITT, Claudia Job. Economia Solidária e Agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis. 2010.

SILVA, Raquel Nunes; COSTA, Bianca Aparecida Lima; PRIORE, Silvia Eloiza. Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária: espaço de socialização e aprendizado. *Revista Ingesta*, v. 1, n. 2, p. 223-224, 2019.

SILVA, Raquel Nunes. Feira de agricultura familiar e economia solidária: implementação, desenvolvimento e situação de (in) segurança alimentar e nutricional das famílias expositoras. 2019.

UFV decide suspender atividades acadêmicas por tempo indeterminado. DTI UFV, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=32257&link=corpo>. Acesso em: 20 set. 2023.

VIEGAS, Maurício da Trindade et al. Agroecologia e circuitos curtos de comercialização num contexto de convencionalização da agricultura orgânica. 2016.